

# Renamo faz acusações sobre tráfico de armas

O líder da Renamo, Afonso Dhlakama, acusou um general do Exército moçambicano, Domingos Fondo, de traficar «elevadas quantidades de armas de fogo para África do Sul, alegação que o visado repudiou liminarmente.

Dhlakama, que falava à Imprensa no Quartel-General da Renamo em Maringué, Província de Sofala, disse que esse alegado tráfico é do conhecimento do presidente da República, Joaquim Chissano.

«Muitas armas são carregadas para a África do Sul em camiões e o caso é do conhecimento do presidente, Joaquim Chissano», acusou.

O general Domingos Fondo repudiou, em conferência de Imprensa, todas as acusações e remeteu para queixa judicial, a apresentar por Dhlakama.

«Não me sinto ofendido», disse o general Fondo à comunicação social. «Mas se (Dhlakama) me acusar em tribunal e este não me condenar, vou exigir indemnização».

Se a acusação feita por pelo Dhlakama em público não for apresentada agora pela via judicial — comentou — «vou considerá-lo mentiroso».

Domingos Fondo disse que esta foi a primeira vez que ouviu as alegações de tráfico de armas feitas contra ele pelo líder da Renamo ou outra fonte e recusou a comentá-las, «porque eles não apresentam provas».

«É a primeira vez que sou abordado sobre este assunto na minha vida», disse o general

Fondo, comentando rumores de que a Interpol e a Polícias Sul-Africana (SAP) pressionaram o Governo moçambicano para que o interpele sobre essas alegações.

Fondo chefia a Direcção de Protecção dos Projectos Económicos no Ministério da Defesa e, segundo fonte não oficial, é também empresário, em mobiliário e transporte aéreo no norte do País.

O secretário-geral do Partido Frelimo e ministro na Presidência, Feliciano Gundana, disse por seu lado que o Governo moçambicano desconhece qualquer envolvimento do general Fondo no tráfico de armas para a África do Sul.

Um boletim noticioso não ligado ao Estado tem feito referências evasivas do envolvimento de militares moçambicanos no desvio de armas de fogo para os países vizinhos.

Em Outubro de 1993, o boletim «Mediafax» mencionou alegado envolvimento de «um general» no contrabando de armas para a RSA, alegando que seria «prematuro» avançar a respectiva identidade.

A fonte referiu um oficial «com significativo palmarés de sucessos militares desde o início

dos anos 70, muito respeitado entre os oficiais superiores da então Rodésia», actual Zimbábue.

Em Moçambique, «o negócio atingiu dimensões de traições internas nos aparelhos policial e militar», disse, relacionando o tráfico de armas de fogo com «assassinios e torturas de importantes quadros da Polícia da República de Moçambique (PRM)».

As autoridades sul-africanas afirmam que a maioria das armas envolvidas em crimes no País é traficada de Maputo por militares do Governo e desertores da Renamo.

Na Suazilândia, um «corredor» no contrabando de armas para África do Sul, foram feitas várias detenções e abatidos numerosos suspeitos e recuperado material, incluindo metralhadoras e mísseis portáteis.

Recentemente, as autoridades moçambicanas e suázis decidiram criar uma Comissão Técnica que envolve oficiais militares e da Segurança para prevenir e combater a utilização da fronteira comum por malfeitores que possam minar as boas relações que ligam Maputo e Mbabane.